

A era humana e a crise da história: breve comentário sobre o colapso da modernização nas teorias de Jameson e Arantes

THE HUMAN AGE AND THE CRISIS OF HISTORY: BRIEF COMMENTARY
ON THE COLLAPSE OF MODERNIZATION IN THE THEORIES OF
JAMESON AND ARANTES

Thomas Edson de Jesus Theodoro Amorim
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1905-2789>
thomasamorim@usp.br

RESUMO: Uma crise social, política e econômica tem sido a tônica das experiências sociais na América Latina e ao redor do mundo. Líderes autoritários e guerras prometem sustentar e aprofundar o regime de exploração do homem sobre o homem e de dominação e destruição da natureza, o qual caracteriza o antropoceno –ou, numa linguagem mais próxima da filosofia marxista, o capitaloceno–, sem que surjam quaisquer horizontes coletivos e radicais capazes de propugnar projetos de transformação da sociedade em larga escala. A situação social pós-moderna, como observou celeberramente Fredric Jameson, só permite a imaginação coletiva formular imagens da devastação planetária e do próprio Apocalipse como alternativas à realidade todo-poderosa do modo de produção capitalista. De modo similar, Paulo Arantes nos fala sobre um “novo tempo do mundo”, caracterizado pelo “presentismo”, ou seja, pelo esgotamento das perspectivas e possibilidade de modificação da realidade humana, que tinham caracterizado o período

revolucionário da sociedade burguesa desde o final do século XIX até meados do século XX. O cenário brasileiro e latino americano sugere ao filósofo brasileiro uma crise ainda mais aguda das referências históricas, à medida em que perdemos contato tanto com as origens e tradições originárias quanto com os sonhos burgueses de um desenvolvimento econômico e industrial concorrente com os patamares dos países centrais.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Arantes, crise, pós-modernidade, presentismo, Novo Tempo do Mundo.

ABSTRACT: A social, political, and economic crisis has been the keynote of social experiences in Latin America and around the world. Authoritarian leaders and wars promise to sustain and deepen the regime of exploitation of man over man and of domination and destruction of nature, which characterizes the Anthropocene –or, in the language of Marxist philosophy, the Capitalocene–, without any collective horizons and radicals capable of promoting projects for the transformation of society on a large scale. The postmodern social situation, as Fredric Jameson famously observed, only allows the collective imagination to formulate images of planetary devastation and the Apocalypse itself as alternatives to the all-powerful reality of the capitalist mode of production. new time in the world”, characterized by “presentism”, that is, by the exhaustion of perspectives and the possibility of modifying human reality, which had characterized the revolutionary period of bourgeois society from the end of the 19th century to the middle of the 20th century. The Brazilian and Latin American scenario suggests to the Brazilian philosopher an even more acute crisis of historical references, as we lose contact both with the origins and original traditions and with the bourgeois dreams of an economic and industrial development concurrent with the levels of the central countries.

KEYWORDS: Paulo Arantes, crisis, postmodernity, presenteeism, New World Time.

Fredric Jameson, em seus estudos sobre a poética das formas sociais, sublinhou celeberramente o poder hipnótico nas fantasias de colapso moderno¹: a cultura de massas tem como projeção corrente de futuro

¹ Em Jameson, tal colapso significa simplesmente a realização da modernização

enredos apocalípticos (Jameson, *Pós-modernismo* 384). O recurso melodramático de que a indústria cultural pós-moderna dispõe para representar a intensidade do Acontecimento e as possibilidades de significado para a ação histórica converge com a extinção ou ameaça de extinção dos seres humanos: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

Essa aparente anedota tem a ver com o virtual esgotamento das possibilidades de práxis coletiva e encolhimento extremo dos horizontes políticos que outrora fomentavam a imaginação de um mundo pós-capitalista. O que resta de alteridade e indefinição na sociedade capitalista global são as ameaças de cataclismas, pandemias e guerras. O mistério que nos resta é o Acontecimento do fim do mundo.

O paradoxo desta situação consiste no fato de que a potência histórica da humanidade jamais foi tão impressionante como na era da globalização, na qual as interdependências sociais alcançaram o pináculo do imaginável tanto em suas dimensões quantitativas como qualitativas. O capitalismo tardio, de fato, foi capaz de colonizar todos os recantos do planeta, todas as formas culturais e as esferas mais íntimas da subjetividade individual (Jameson, *Pós-modernismo*). Todo esse poderio se desdobra na incapacidade de transformar o mundo humano.

De acordo com Jameson, tal realidade paradoxal só pode ser compreendida à luz da compreensão da globalização (e do antropoceno) como momento da universalização do trabalho assalariado, como abolição de todas as relações sociais pré-capitalistas e esvair da alteridade que representavam (Jameson, *Valences*). Ou seja, a era em que a humanidade se torna a senhora e a força inquestionável no planeta Terra é a era em que cessa seu poder de autodeterminação sob o peso esmagador do trabalho abstrato e as leis de um regime de

capitalista e os efeitos culturais da dominação homogênea da “sociedade das mercadorias”, mas o “colapso da modernização” é também uma expressão consagrada por Robert Kurz e que tem grande influência sobre o trabalho do filósofo brasileiro Paulo Arantes. Para Kurz, o capital atingiu os limites de sua expansão e as contradições do valor e mostra sintomas críticos (Kurz).

acumulação vampírico com relação aos próprios seres humanos e à natureza (Jameson, *Representing Capital*).

A CRISE FORMAL COMO IMPOTÊNCIA HISTÓRICA.

Os romances históricos surgiram na época da literatura realista e se relacionavam com a lógica social de extrema historicidade que embalava as sociedades europeias no século XIX (Jameson, *The Antinomies* 6). O romance histórico predicava-se pela unidade tensa entre as personagens que eram figuras histórico-mundiais e a coletividade em movimento que expressavam (Lukács). O futuro prometia configurações sociais inovadoras e emancipatórias, mas era sobretudo sentido como aberto à intervenção humana.

O grande autor francês Honoré de Balzac produziu romances realistas que já não eram propriamente romances históricos apenas na medida em que a vida cotidiana das personagens ordinárias passava a “coincidir” e ser capaz de expressar a historicidade geral que constituía a sociedade de sua época, uma era marcada pelas rupturas radicais ocasionadas pela Revolução Francesa e que afetava todos os âmbitos da existência coletiva e individual. O processo social da França resultaria num choque capaz de abalar o “princípio de realidade” de todos os seus contemporâneos e numa ruptura que alcançaria os mais diversos rincões do mundo ao longo das décadas e séculos subsequentes:

A política europeia (ou mesmo mundial) entre 1789 e 1917 foi em grande parte a luta a favor e contra os princípios de 1789, ou os ainda mais incendiários de 1793. A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu todas as civilizações que tinham até então

resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Essa foi a obra da Revolução Francesa (Hobsbawm, *A Era das Revoluções* 83-84).

Balzac como romancista genial mostra os cenários inéditos e narra o arrebatamento e deslumbramento que eles proporcionavam a todos os observadores da época. Com seu espírito político e reacionário, de certo modo, ele se encontrava em posição privilegiada para registrar os abalos sísmicos que reestruturavam o *Ancien Régime* e formavam a sociedade burguesa.

A função “objetiva” do romance está aí implícita: à sua missão subjetiva, crítica, analítica e corrosiva acrescenta-se agora a tarefa de produzir, como se fosse pela primeira vez, aquele mundo da vida, aquele “referencial” –o espaço recém-quantificável da extensão e da equivalência de mercado, os novos ritmos do tempo comensurável, o novo mundo-objetivo secular e “desencantado” do sistema de mercadorias, com sua vida diária pós-tradicional e seu *Umwelt* atordoadamente empírico, “sem sentido” e contingente– do qual este novo discurso narrativo pleiteará ser o reflexo “realista” (Jameson, *O Inconsciente Político* 155).

A tarefa artística e simbólica dos primeiros realistas, segundo Jameson, foi explorar simbólica e artisticamente aquela paisagem societária com que se defrontavam. Esse processo criativo, no entanto, eventualmente esgotaria as matérias-primas sociais daquela vida cotidiana ainda fresca e a reutilização de seus recursos expressivos arriscaria a se transfigurar em enredos estereotipados, clichês e anacrônicos (Jameson, *The Antinomies* 41) .

Ao mesmo tempo, o caráter conservador das classes dominantes após a revolução de 1848 faria com que o processo de transformação da vida social refluísse e paralisasse a possibilidade de novas experiências coletivas. As formas narrativas realistas estavam sitiadas pelo envelhecimento de suas fontes originárias e pela estagnação histórica

e reificação das matérias-primas que seriam o recurso para a continuidade de suas inovações (Jameson, *O Inconsciente Político* 200).

Os *best-sellers* naturalistas posteriores ao apogeu realista se caracterizaram por um caráter crescentemente sentimental, porque apenas o melodrama parecia capaz de manter aceso algo da intensidade histórica de outrora². Enredos maniqueístas seriam capazes de mobilizar as grandes paixões da luta histórica e seus dualismos apelativos contemplavam a demanda afetiva da audiência e a educava para o consumo em massa de fórmulas padronizadas.

As técnicas literárias encapsuladas da cultura de massas emergente vieram a ser apropriadas e remodeladas pela indústria cultural cinematográfica. O apetite histórico do público sedimentou-se na construção de narrativas focadas nas modas do passado e neutra nostalgia por estilos mortos –a “moda retrô”– e a imaginação de cenários futuros mirabolantes ou desconcertantes (Jameson, *Pós-modernismo* 118).

Os gêneros especulativos foram abraçados pelos grandes estúdios do cinema e incrivelmente desenvolvidos pelos desconhecidos investimentos tecnológicos de Hollywood. Com o decorrer do tempo, vieram a se consolidar os enredos estereotipados dos chamados filmes apocalípticos e de catástrofe, como corruptela da ficção científica tradicional. A intersecção entre as personagens e a vida coletiva se efetivava de maneira artificialmente dramática –por exemplo, a emergência de um meteoro prestes a colidir com a Terra justifica a intervenção heroica de um grupo de militares, cientistas, astronautas

² “Em Balzac, o peso do ser empírico, da História e do evento acumulado parece ainda suficientemente leve para que as histórias alternativas sejam imaginadas e expressas em diferentes modalidades narrativas. Sugerimos que no alto realismo esses registros narrativos alternativos começam a desaparecer e um mecanismo narrativo totalmente homogêneo – uma espécie de registro “indicativo” obrigatório – passa a ocupar o seu lugar. Sob o peso sufocante e definitivo do ser empírico, mesmo os mundos sociais alternativos, tais como se apresentam, têm que encontrar uma expressão na representação, e o resultado é o romance utópico *What’s to be done?* de Chernishevsky é o maior monumento, e em cujo texto o projeto bem sucedido do velho Snowdon poderia ter reescrito a própria vida.” (Jameson, *O Inconsciente Político* 197)

ou cidadãos ordinários do “fim da história”, criando significado e propósito histórico-mundial para as personagens (para não falar do Superestado dos EUA) (Jameson, *Arqueologias* 224).

De forma diversa, o alto realismo e o modernismo insistiram no desenvolvimento formal rigoroso das matérias-primas da vida burguesa, embora sem que se pudesse sustentar a historicidade com a mesma intensidade do momento realista anterior. O cidadão comum já não representava a trama coletiva de maneira tão plena e as personagens da alta literatura já não deveriam incorporar em si signos de tão amplo alcance histórico-social (Jameson, *The Antinomies* 88).

O primeiro passo na recodificação simbólica de uma estética contemporânea refinada era desconstruir a proeza da grande personagem e instaurar um princípio de realidade condizente com o esgotamento formal e histórico daquela realidade ultrapassada e agora abstrata. Depois, era necessário mostrar os cenários rotinizados e a pluralidade de individualidades que apareciam na sociedade burguesa.

A primeira fase estética desse período pós-realista expressou a circunscrição da história coletiva e explorou a riqueza das consciências e subjetividades emergentes (Jameson, *The Antinomies* 73). De um ponto de vista político e ideológico, a retração da grande personagem histórica e a imersão na psique do indivíduo ordinário reverbera a associação das grandes personalidades com as lideranças autoritárias e as ditaduras. A desconstrução formal desse pilar do romance histórico produz uma sensibilidade temporal alinhada ao contexto pós-revolucionário internacional e a pacificação relativa dos conflitos sociais (Jameson, *Valencias*; Jameson, *The Antinomies* 126).

Um segundo caminho foi seguido por determinados romances históricos contemporâneos, que, em sua tentativa de recriar a convergência entre as personagens e a experiência coletiva, encontram limites na escassez de matérias-primas temporais de nossa época de “fim da história” (Fukuyama 85; Jameson, *A Virada* 110). Um destino comum a muitos desses romances é a inflação psicológica dos

protagonistas, que se veem desencaixados do cenário coletivo em que se passam suas ações (Jameson, *The Antinomies*).

O grande romance histórico *A Sombra da Guilhotina*, de Hilary Mantel, é exemplificado por Jameson no contexto de tal avaliação, porque apresenta justamente os protagonistas da Revolução Francesa como pontos de vista subjetivos daquele processo. Uma exploração psicológica com qualidade estética e formal, mas sem a densidade histórica do realismo clássico. A ação de Robespierre, Danton e Desmoullins é narrada como nitidamente deslocada do movimento de massas que constituía o seu poder e importância (Jameson, *The Antinomies* 315; Mantel).

De todo modo, produz-se um desencontro entre a antiga figura histórico-mundial e a coletividade, o que, no mínimo, confere às personagens históricas e à figuração de lideranças certo caráter idealista e de complô –constituindo um ímpeto formal similar ao que Jameson considera a tendência pós-moderna as “teorias da conspiração” (Jameson, *Pós-modernismo* 38).

Uma terceira forma propriamente pós-moderna de representação histórica, por sua vez, caracteriza-se pela desconstrução simultânea tanto da representação da figura histórico-mundial quanto da coletividade. A fragmentação contemporânea permite a produção de uma paisagem narrativa descentrada, onde a pluralidade dos afetos ganha plena cidadania e os mundos privados e coletivos são indiferenciados (Jameson, *The Antinomies* 272).

Por fim, a quarta possibilidade apontada por Jameson é a exploração de matérias-primas pós-modernas prospectivas, de interseções imaginárias entre personagens e coletividade proporcionadas pelas mutações sistêmicas em curso. A ficção científica funciona como laboratório de permutações sociais que recriam a história por meio de sua projeção em futuros imaginados, inevitáveis “fracassos da imaginação” que terminam por demarcar as fronteiras da condição pós-moderna³ (Jameson, *The Antinomies* 337).

³ Não por acaso, nos diz Jameson, as primeiras ficções científicas surgiram em

‘Nossas filosofias’ querem absorver todas essas totalidades estrangeiras como idênticas a nós e como carne de nossa carne; a ficção científica deseja desesperadamente afirmá-los como diferentes e estranhos, em sua busca por futuros imaginários. Em um mundo ideal, talvez, eles poderiam ser diferentes e idênticos ao mesmo tempo: de qualquer forma, para melhor ou para pior, nossa história, nosso passado histórico e nossos romances históricos, agora devem incluir também os nossos futuros históricos. (Jameson, *The Antinomies* 155).

Os roteiros apocalípticos voltam a aparecer como sintoma do mundo que teve sua historicidade subtraída, mas igualmente todos os futuros utópicos ou distópicos aparecem no campo gravitacional do presente. Qualquer espécie de futuro deve nos aparecer sob o prisma dos estilhaços do presente, como fragmento do sistema-mundo em crise e risco de colapso (Wallerstein).

A CRISE SOCIAL DA UNIPOLARIDADE GEOPOLÍTICA

No contexto cultural pós-moderno, a categoria do tempo perde suas credenciais de força motora da transfiguração do mundo e se torna cronologia linear, medida puramente quantitativa do transcurso de dias, meses e anos. Uma situação radicalmente distinta daquela que animava a temporalidade naquilo que Paulo Arantes já se referiu como “longo século XIX” que transcorre entre o momento inaugural da história mundial na Revolução Francesa até o gigantesco processo de autoconsciência crítica que culmina na Revolução Russa (Arantes).

períodos de mutação do sistema capitalista internacional. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley, aparece no período de consolidação do capitalismo industrial e concorrencial. A Guerra dos *Mundos* (1897), H.G. Wells, vem a lume no momento de transição do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista e imperialista após a Conferência de Berlim (Jameson, *The Antinomies*).

Tal temporalidade se caracterizava fortemente pelo contraste entre o presente histórico e as possibilidades de futuro nela adormecidas. O ideário político e cultural tácito do “longo século XIX” envolvia a expectativa da conclusão do movimento revolucionário, a paciência revolucionária que aguardava a precipitação do Acontecimento que produziria um mundo novo, um homem novo (Arantes).

A perspectiva de Jameson insinua que o encolhimento desse horizonte se deu progressivamente ao longo do século XX em decorrência das leis imanentes da sociedade burguesa. A cartografia da antiga temporalidade mundial tinha na América Latina e no restante da periferia do sistema capitalista internacional o *locus* privilegiado do contraste e das fantasmagorias do progresso. O Terceiro Mundo era uma experiência viva da desigualdade e o lembrete de que o sistema-mundo estava em conflito e em movimento, de que a história estava aberta às transformações e ao desenvolvimento de relações sociais modernas (Jameson, *Marcas* 87; Jameson, *The Geopolitical* 93).

O forte senso de atraso e as promessas quiméricas da modernização guardavam a intuição de uma “simultaneidade do não-simultâneo”, para usar a terminologia do marxismo modernista de Ernst Bloch. Porém, com a “revolução verde” e entrada massiva do capital em todos os nichos dos antigos mundos camponeses, deu-se uma reconfiguração das expectativas coletivas e o deslocamento decisivo da imaginação utópica (Jameson, “Periodizando” 91).

O domínio unitário das relações capitalistas fez com que a categoria do espaço e as ideologias da pluralidade se tornassem o repositório das energias políticas do presente. O presente passou a dominar a linguagem estética, a linguagem política e até mesmo a linguagem cotidiana (Hobsbawm, *A Era dos extremos* 5).

Com a integração econômica internacional que caracterizou a pós-modernidade e a formação do que Marx antecipava como “mercado mundial”, os Estados Unidos se tornaram ao fim do século XX o núcleo de um processo de concentração e centralização internacional do capital. A unipolaridade no sistema-mundo fez com que os sonhos

de progresso da periferia se tornassem cada vez mais semelhantes a uma miragem, enquanto a sensação de “fim de linha” se espalhasse pelo mundo ocidental (Jameson, *Valences*; Arantes).

Jameson destaca que a dominação estadunidense sobre o restante do mundo tem dimensões múltiplas como a econômica, militar e sócio-cultural, o que a destaca das formas do imperialismo clássico. O estágio pós-moderno do capitalismo resultou na articulação e até mesmo fusão entre âmbitos econômicos, culturais e políticos, tornando a intervenção e influência do país sobre zonas de influência e territórios ao redor do globo terrestre mais potente do que se poderia mensurar.

Por outro lado, de um ponto de vista teórico diferente, a teoria da pós-modernidade afirma uma desdiferenciação gradual desses níveis, o próprio econômico gradualmente se tornando cultural, enquanto o cultural gradualmente se torna econômico. A sociedade da imagem e publicidade pode, sem dúvida, documentar a transformação gradual das mercadorias em imagens libidinais de si mesmas, isto é, em produtos quase culturais; enquanto a dissolução da alta cultura e a intensificação simultânea do investimento em mercadorias culturais de massa podem ser suficientes para sugerir que, qualquer que fosse o caso nos estágios e momentos anteriores do capitalismo (onde a estética era precisamente um santuário e um refúgio dos negócios e do Estado), hoje não há mais enclaves – estéticos ou outros – nos quais a forma mercadoria não reine suprema. (Jameson, *Valences* 449-450).

Esse imperialismo pós-moderno com sua hegemonia cultural reprime as histórias locais com renovada eficiência e o capital estadunidense tornou a cultura de massas hollywoodiana tanto um mecanismo de lucro quanto de bloqueio das culturas nacionais autônomas nos diferentes países. Formou-se uma verdadeira hierarquia das indústrias culturais e seus mercados consumidores ao redor do planeta, sendo os estúdios de hollywood os mais poderosos e ocupando um lugar privilegiado na pauta de exportações de seu país, ao lado das armas e alimentos (Jameson, *Valencias* 471). Na maior parte do mundo, os

programas enlatados dos Estados Unidos, que vão de filmes e séries a *talkshows*, são apenas retransmitidos com dublagem local, restando a exibição de noticiários locais nas televisões⁴.

A indústria cultural internacionalizada se tornou não apenas o instrumento esclarecido de adaptação ao modo de vida burguês teorizado por Adorno e Horkheimer, mas a introjeção dos modos de ser, agir e pensar específico da economia central no capital mundial (Adorno e Horkheimer). O “espetáculo”, cada vez mais unificado, nivela a ideologia e as práticas nos quatro cantos do mundo (Jameson, *Valências* 471; Debord 41).

A socialização integral e internacional da pós-modernidade, na teoria de Jameson, termina por resultar no maior estreitamento do desenvolvimento efetivo e imaginário dos diferentes países e regiões. As vias alternativas representadas pelo desenvolvimentismo do século XX na América Latina e no Terceiro Mundo em geral foram política e militarmente sufocadas, enquanto hoje a economia globalizada oferece muito menos espaço para a consolidação de uma soberania econômica e cultural.

No caso dos casos dos impérios europeus aliados, desde o Plano Marshall, os Estados Unidos criaram cláusulas que condicionaram o resgate do pós-guerra à retirada de subsídios de seus mercados culturais – formas de neutralização econômica também serviram, mais tarde, de arma contra o Bem-estar social. No caso japonês, segundo Jameson, a pressão econômica, política e militar foi também utilizada no contexto da ascensão do Japão no pós-guerra e a capacidade de hegemonia hollywoodiana teve a ver tanto com o dinamismo de sua

⁴ Jameson destaca o fato do Brasil ser uma espécie de exceção que confirma a regra, uma vez que a indústria cultural local manteve hegemonia sobre grande parte da grade horária. A despeito desse fato, nem o Brasil e nem o restante da América Latina constituem exceção no que diz respeito ao fechamento de horizontes políticos e culturais típicos da *pax* estadunidense. Potências concorrentes como China e Rússia recebem um espaço menor na reflexão de Jameson em decorrência de seu caráter menos expressivo no contexto de escrita de *Valências da Dialética* (2009), embora, mesmo hoje, tais desafiantes ainda não tenham alcançado êxito na reversão da centralidade estadunidense.

indústria cultural quanto com a capacidade de absorver estilos locais, como os filmes de samurai (Jameson, *Valences* 441).

Uma vitória mais dramática foi aquela obtida sobre o império rival da Guerra Fria. As trilhas para o futuro que remanesciam abertas desde o longo século XIX foram soterradas e apagadas pelo movimento automático da reprodução capitalista, especialmente após o colapso da limitada alteridade que a URSS ainda representava no cenário internacional (Jameson, *Valences* 444).

A pressão econômica e militar exercida sobre o regime do “socialismo realmente existente” causou um estresse que fez colapsarem as poucas instituições revolucionárias remanescentes. O estresse social da Guerra Fria era mais destrutivo para o regime soviético pelo simples fato de que os gastos militares crescentes e as demandas propriamente capitalistas de produtividade eram menos funcionais para sua economia, enquanto a indústria de armas era parte significativa do crescimento econômico dos Estados Unidos no pós-guerra.

Acredito que a competição nos gastos com defesa e a tática pela qual a administração Reagan levou a União Soviética a gastos militares cada vez maiores além de seus próprios meios – aos quais o colapso soviético é mais frequentemente atribuído – também deve ser entendida desta forma como mais uma forma de consumo tipicamente ocidental, encorajando o abandono pelo estado soviético do abrigo de seu próprio sistema em uma tentativa equivocada (embora perfeitamente compreensível) de emulação de produtos para os quais não tinha necessidade econômica ou sistêmica (ao contrário dos estadunidenses, cuja prosperidade no pós-guerra dependeu em grande parte desses gastos militares do Estado). Claro, a estratégia contrarrevolucionária muitas vezes envolveu apenas ameaças sistemáticas de longo prazo que transformam revoluções democráticas em um estado de sítio, incluindo vigilância cada vez maior e atividade policial e o desenvolvimento clássico do Terror, como pode ser observado desde a Revolução Francesa. Mas o momento único desse esforço particular, no divisor de águas entre a produção moderna e a pós-moderna, determinou uma espécie de cooptação, uma transferência de valores e hábitos de

consumo, extraordinariamente destrutiva para as instituições revolucionárias que ainda subsistiam (Jameson, *Valences* 398).

Sob tal ótica geopolítica e cultural, a pós-modernidade poderia ser considerada uma vitória da civilização estadunidense sobre as civilizações concorrentes, aliadas e adversárias. Mas o impacto dessa vitória sobre outros países deve ser igualmente compreendido a partir das dinâmicas institucionais em que resulta, porque a estagnação sociopolítica do pós-Guerra Fria teve a ver com a corrosão dos aparelhos ideológicos da esquerda internacional que tinham sido largamente cooptados pela burocracia soviética e se tornaram vítimas diretas da derrota material e simbólica daquele império.

A ideologia do “fim da história” designava um crise histórica real, buscava resolver a contradição entre a expectativa moderna e a experiência moderna por meio da supressão da primeira (Fukuyama 52; Jameson, *A Virada* 105). A ideia de “presentismo”, por sua vez, registra o advento de um tempo histórico em que as tradições passadas e as perspectivas futuras adquirem uma influência mínima na orientação das práticas e comportamentos presentes (Hartog 103; Koselleck).

O “realismo capitalista” emergiu como dominante ideológica e cultural numa era de morte das utopias sociais e políticas e de esgotamento das possibilidades estéticas inexploradas do mundo burguês (Fisher 33). Todo esse cenário e a nova lógica social caracterizam o “novo tempo do mundo”, uma racionalidade administrativa e violenta condizente com a falta de perspectivas de futuro, com a escassez incontornável e as recentes práticas – e mesmo teorias – neomalthusianas a justificarem a luta de todos contra todos do neoliberalismo (Arantes 128).

A CRISE POLÍTICA E O COLAPSO DAS “GRANDES EXPECTATIVAS”

Tais “expectativas decrescentes” nos mais diversos âmbitos da vida social e, em especial nos horizontes políticos de nossa era, foram

descritas por Paulo Arantes como característica mais marcantes do “novo tempo do mundo” (Arantes 48-49).

O que foram as “grandes expectativas” revolucionárias de outrora se transformam nas perspectivas securitizadas da vida coletiva que os progressistas não cansam de formular em programas redistributivos e reparativos, todos ambientados no presente perpétuo do “fim da história” e em substituição aos programas de transformação sistêmica.

O *rainbow washing* e formas análogas de mercantilização das identidades culturais ajudam corporações a captar desejos sociais, ampliam seu apelo público e se alinham a objetivos supostamente maiores do que o próprio consumo (Castelo). Tais práticas e sua correlata ideologia da pluralidade são apontadas por diversos autores como sintoma da clautofóbica dominação capitalista, porque o decaimento da política no campo gravitacional do “presente perpétuo” deforma a prospecção coletiva das lutas, bloqueia a negatividade sistêmica e facilita a integração de seus discursos na lógica de produtos de mercado prontos para consumo imediato em nichos específicos (Žižek 91).

A tendencial fusão de economia e cultura que desde o advento da indústria cultural vem transformando mercadorias ordinárias em imagens e objetos libidinais e, ao mesmo tempo, as obras simbólicas em produtos planejados de consumo contribuiu de maneira determinante para a substituição do sentido coletivo da política para a individualização liberal da política, cada vez mais exclusivamente inclinada ao combate à “discriminação”, a indignação perante a “desigualdade de oportunidades” (Jameson, *Pós-modernismo*):

Os trabalhadores migrantes que têm vocação para se tornarem trabalhadores “como os outros” são progressivamente percebidos como minorias. Quanto mais as sociedades tiverem minorias (em todo caso, quando mais elas as enxergarem), mais as solidariedades são restritivas aos semelhantes, e mais fortes seriam as desigualdades sociais (Dubet 49).

Esse “admirável mundo novo” equipara progressistas e reacionários ao menos no sentido de que a imaginação política somente é capaz de fabular novas repartições vantajosas de um butim visto como eterna e necessariamente escasso. A atomização e reificação das identidades se torna tão óbvia e eterna como só a ideologia pode ser (Haider). Todos se tornam “colaboradores” num sistema neoliberal em que a consequências coletivas da ação são obscurecidas pelas exigências de adaptação e pelo risco de exclusão⁵.

O mundo social do capitalismo tardio é um mundo totalmente socializado e totalmente mecânico, é a crise de todas as grandes expectativas ou miragens que entusiasmavam ou assombravam o pensamento histórico do capitalismo clássico. O capital enterrou praticamente todo o legado político da “era das revoluções”, esgotando as possibilidades críticas que ele mesmo tinha aberto na sequência da Revolução de 1789. Como já mencionamos, quando a burguesia passou para o lado da reação, os projetos políticos dominantes já apontavam para a neutralização das promessas utópicas das sociedades modernas, inicializando o processo de estabilização da ordem do capital.

Jameson, porém, afirma que a hegemonia do presente histórico e o apagamento das temporalidades passadas e futuras podem ser lastreados na lógica mais profunda do próprio modo de produção capitalista (Jameson, *Valences* 102). O sistema econômico em si mesmo, diz ele, consome o fogo do trabalho em seu processo produtivo e torna crescentemente opacas as relações entre os produtos do trabalho e da atividade humana (Jameson, *Representing Capital*). O capital cria o presente perpétuo ao controlar como vírus o metabolismo das sociedades humanas, ao suprimir formas sociais alternativas e ao equalizar a sociabilidade pela métrica do valor.

⁵ Sob a pressão da concorrência interiorizada em seu nível histórico máximo, de um jeito ou de outro todos acabam arregimentados para o serviço da “colaboração”, que não funciona se não inviabilizar seus agentes através de mil expedientes e armadilhas defensivas. Comparada a esse grandioso sistema de colaboração *stricto sensu*, o ciclo fordista-taylorista anterior poderia ser revisto como um regime de alienação em tempo parcial.(Arantes 103)

Uma homogeneidade claustrofóbica sempre esteve inscrita no DNA do capitalismo e se manifesta de maneira gradativa na história de sua paisagem cultural. “E tal transformação dialética paradoxalmente torna o passado imediatamente mais presente ao mesmo tempo em que é invisível, tendo sido apagado por sua própria ‘extinguibilidade’” (Jameson, *Representing Capital* 102).

Se em sua etapa inicial e concorrencial do sistema capitalista, as relações sociais de produção ainda permitiam o vislumbre das conexões e interdependências, tal vestígio foi suplantado à medida em que as cadeias de produção se tornaram vastas ao ponto de apagar sua face humana. No primeiro período, o consumo do passado era acompanhado da projeção do prolongamento futuro das potências despertas e da metamorfose benéfica da totalidade das relações humanas. No presente histórico, o consumo do passado converte-se no pesadelo de voracidade e do sempre-igual, carregando consigo quaisquer promessas anteriores de abundância e bem-estar (Jameson, *Representing Capital* 102).

Ao mesmo tempo, Jameson ressalta que o capitalismo contemporâneo está longe de ser a realização de uma dominação sem contradições. Ao contrário, ele lembra que a colonização do espaço global pelo “mercado mundial” era apontada por Marx como a antessala do câmbio radical e sistêmico (Marx 261).

A crise apocalíptica (seja ambiental, biológica, sideral, tecnológica ou política) é encenada tão dramaticamente pela indústria cultural porque é a encarnação mais tangível do paradoxo do mundo totalmente humano e do automatismo das relações sociais correspondentes. Dessa forma, o “pensamento selvagem” completa a transferência das expectativas de alteridade para o reino da espacialidade, deixando a promessa de uma experiência coletiva qualitativamente nova à mercê de cenários alternativos (Lévi-Strauss 152).

Um acidente em tal presente prolongado poderia realinhar o campo das experiências com um horizonte de expectativas futuro (Arantes 99). A opacidade do tempo presente é sentida por muito, de

diferentes formas, como prenúncio de uma época de grande agitação e transformação (Kurz 102; Safatle 354).

Mas o que talvez o fenômeno do “presentismo” melhor possa indicar é o copertencimento entre o positivo e o negativo, a civilização e a barbárie, na sociedade contemporânea e ser a refutação prática da concepção socialdemocrata e positivista de que o progresso poderia ser compreendido como marcha linear da modernidade contra os vestígios e sobrevivência de um passado perverso (Jameson, *Valencias*; Fábio Santos *et al.*).

O exercício de perceber o presente como contraditório e totalizante, para Jameson, deve buscar inspiração na “lei geral da acumulação capitalista”, tal como traçada por Marx (Jameson, *Representing Capital* 127). O autor d’*O Capital* faz da “lei geral” a demonstração suprema de uma dialética que integra a abundância de taxas de produtividade crescentes com a deformidade do desemprego. O potencial do desenvolvimento das forças produtivas e as correntes em que se transformam as máquinas (Jameson, *Representing Capital* 127).

Na verdade, as fronteiras rígidas do “presentismo”, sua limitação autotélica e autocentrada, pode ser a matéria-prima crítica para que se figure o capitalismo como “sistema”: unidade de processos contraditórios que, por definição, pode se deparar com a crise e encontrar um limiar. O presente como *telos*, como pressuposto e justificativa, como fundamento e finalidade de si mesmo, é a forma suprema da ideologia e seu ponto de crise.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, THEODOR E MAX HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Zahar, 1985.
- ARANTES, PAULO. *O Novo Tempo do Mundo*. Boitempo Editorial, 2014.

- BLOCH, ERNEST. *Princípio Esperança 1*. Contraponto, 2005.
- CASTELO, RODRIGO. *Social-Liberalismo. O Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal*. Expressão Popular, 2013.
- DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo & Comentários a Sociedade do Espetáculo*. Edições Antipáticas, 2005.
- DUBET, FRANÇOIS. *O tempo das paixões tristes: As desigualdades agora se diversificam e se individualizam, e explicam as cóleras, os ressentimentos e as indignações de nossos dias*. Vestígio, 2020.
- FÁBIO SANTOS, ET AL., organizadores. *O pânico como política: o Brasil no Imaginário do lulismo em crise*. Mauad X.
- FISHER, MARK. *Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Autonomia Literária, 2020.
- FUKUYAMA, FRANCIS. *O fim da história e o último homem*. Rocco, 2015.
- HAIDER, ASAD. *Armadilha da identidade*. Veneta, 2019.
- HARTOG, FRANÇOIS. *Regimes de historicidade - Presentismo e experiências do tempo*. Autêntica, 2013.
- HOBBSAWM, ERIC. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Paz & Terras, 2012.
- _____. *A Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. Companhia das Letras, 1995.
- JAMESON, FREDRIC. *A Virada Cultural*. civilização Brasileira, 2006.
- _____. *Arqueologias del Futuro*.
- _____. *Marcas do Visível*. Paz e Terra, 2007.
- _____. *O Inconsciente Político. A Narrativa Como Ato Socialmente Simbólico*. Ática, 1992.
- _____. “Periodizando os Anos 60”. *Pós-modernismo e política*, organizado por Heloisa Buarque de Holanda, Rocco, 1991.
- _____. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Ática, 1997.
- _____. *Representing Capital: A Reading Of Volume One: A Commentary on Volume One*. Verso, 2014.

- _____. *The Antinomies of Realism*. Verso, 2015.
- _____. *The Geopolitical Aesthetic*. Indiana University Press, 1992.
- _____. *Valences of the Dialectic*. Verso Books, 2009.
- _____. *Valencias de la dialéctica*. Eterna Cadencia, 2014.
- KOSSELLECK, REINHART. *Futuro Passado*. Contraponto, 2007.
- KURZ, ROBERT. *O colapso da modernização*. Paz & Terra, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. *O pensamento selvagem*. Papyrus, 1990.
- LUKÁCS, GYÖRGY. *O Romance Histórico*. Boitempo Editorial, 2011.
- MANTEL, HILARY. *A Sombra da Guilhotina*. Record, 2009.
- MARX, KARL. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Boitempo Editorial; Editora UERJ, 2011.
- SAFATLE, VLADIMIR. *Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Cosac & Naify, 2015.
- WALLERSTEIN, IMMANUEL. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. Boitempo Editorial, 2007.
- ŽIŽEK, SLAVOJ. *Vivendo no fim dos tempos*. Boitempo Editorial, 2012.